

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**

FERNANDA ASSIS CARVALHO

**ALÉM DA LAMA:
UM ENSAIO FOTOGRÁFICO SOBRE PARACATU DE BAIXO**

**Rio de Janeiro - RJ
2016**

FERNANDA ASSIS CARVALHO

**ALÉM DA LAMA:
UM ENSAIO FOTOGRÁFICO SOBRE PARACATU DE BAIXO**

Relatório técnico apresentado à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, habilitação em Radialismo.

Orientador: Prof. Ms. José Henrique Ferreira
Barbosa Moreira

Rio de Janeiro - RJ
2016

CARVALHO, Fernanda Assis.

Além da lama: um ensaio fotográfico sobre Paracatu de Baixo / Fernanda Assis Carvalho - Rio de Janeiro; UFRJ/ECO, 2016.

76f.

Relatório técnico (Graduação em Comunicação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Habilitação em Radialismo, Rio de Janeiro, 2016.

Orientação: José Henrique Ferreira Barbosa Moreira

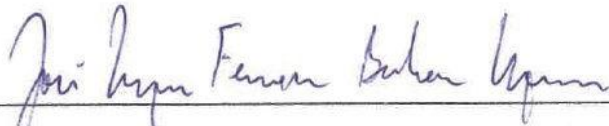
1. Paracatu de Baixo. 2. Tragédia. 3. Fotografia. 4. Humano. I. MOREIRA, J. H. F. B. II. ECO/UFRJ III. Radialismo IV. Além da lama: um ensaio fotográfico sobre Paracatu de Baixo

**ALÉM DA LAMA:
UM ENSAIO FOTOGRÁFICO SOBRE PARACATU DE BAIXO**

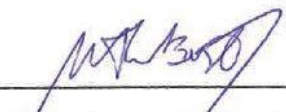
Fernanda Assis Carvalho

Relatório técnico apresentado à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, habilitação em Radialismo.

Aprovada por



Prof. Ms. José Henrique Ferreira Barbosa Moreira, ECO/UFRJ



Prof.ª Dr.ª Maria Teresa Ferreira Bastos, ECO/UFRJ



Prof. Ms. Dante Gastaldoni, ECO/UFRJ

Aprovada em: 14/12/2016

Grau: 10,0 (DEZ)

Rio de Janeiro - RJ
2016

Este trabalho é dedicado a todos que, de alguma forma, se sentem atingidos pelo rompimento da barragem de Fundão. E, em especial, aos moradores de Paracatu de Baixo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos meus pais, Rogério e Gláucia, que nunca mediram esforços para me apoiar. Obrigada pelo suporte material, emocional, intelectual e espiritual que sempre me deram e, obrigada por me ensinarem a trilhar o meu próprio caminho. Aos meus irmãos, Luciana e Lucas, e ao meu cunhado, Fernando, pelo carinho e incentivo que me dedicam.

À minha madrinha, Sãozinha, pelo amor e pela torcida incondicional. Aos meus tios, Lurdinha e Franz, e às minhas primas, Mariana, Bárbara e Nicole, por serem minha família no Rio durante todos esses anos de faculdade. Aos meus tios, Ronaldo e Nara, e aos meus primos, Isabela e Eduardo, por me acolherem tão bem durante a realização deste trabalho.

Ao meu orientador, José Henrique Moreira, por me ensinar mais do que Comunicação Social, por aceitar me orientar, pela calma e boa vontade durante todo o processo e pelo suporte no pouco tempo que lhe coube.

Agradeço à todos os professores e funcionários da ECO que me ajudaram a chegar até aqui. Ao Márcio Amaral, Renzo Taddei, Marie Santini e Paulo Oneto, pelos ensinamentos, não só teóricos, mas também de vida. E, em especial, à Teresa Bastos e Dante Gastaldoni por, além de todo ensino e apoio, me concederem o privilégio de fazerem parte da minha banca.

Ao meu amigo, Paulo, por ter sido a primeira centelha deste trabalho e pelo apoio no decorrer do mesmo. À Flávia, meu porto seguro, pela referência, força e incentivo. A participação de vocês foi fundamental.

Ao Lucas Dumphreys, pelas fotos autorais que me serviram como impulso inicial para a realização deste ensaio. Ao Mariano, pelas primeiras ideias e pelo zelo no decorrer de todo o projeto. Ao Alexandre, um anjo que conheci no caminho, pelo interesse, ideias e incentivo.

Agradeço ao Elias, morador de Paracatu de Baixo, pela disponibilidade, atenção e cuidado, sem o qual esse trabalho não seria o que é.

Ringrazio a Anna, per la compagnia vicendevole, per la amicizia infrangibile e per aver condiviso momenti così importanti della nostra vita durante il periodo universitario.

Aos grandes amigos que a ECO me deu: Ana Flávia, Analice, Lipe, Gu, Guto, Marcelle, Mari, Marina, Meliande, Sauer, Tigu e tantos outros que fizeram parte dessa trajetória, pelos inúmeros momentos que compartilhamos, sejam eles bons ou ruins, durante todos esses anos de graduação. Aos que fizeram e fazem parte da Atlética da ECO, pelos aprendizados não só em quadra, mas também de vida.

Às minhas amigas do coração: Lari, pela parceria de vida; Jaque, pelo amor infinito; Gabi, pela leveza de viver; e Kel, pela amizade presente. Aos meus amigos de anos: Munitinha, Lara, Carol, Esquisito e Lu, pela torcida de sempre e pela amizade que supera a distância.

Aos amigos que fiz durante meus dois intercâmbios, por marcarem essa época e transformarem minha forma de ver e sentir o mundo. Aos novos amigos da Integração Samsung, por fazerem a vida tão mais divertida nesse meu período final de faculdade.

À Gaia, ao Tomate e à Mendiga, pelo amor felino incondicional nas horas em que eu mais precisei.

Novamente e, em especial, agradeço à minha mãe, Gláucia, meu “apoio de equipe”, pela companhia e disposição para enfrentar as visitas de campo, apoio fundamental para a realização deste ensaio. E à minha tia, Nara, pela orientação teórica e pelo apoio emocional, sem os quais eu não teria conseguido finalizar esta obra.

E, apesar de seus nomes não estarem aqui, agradeço à todos que contribuíram, direta ou indiretamente, com a minha formação e com a realização deste trabalho.

À todos vocês o meu “muito obrigada”.

“Eu tenho sido uma testemunha, e estas imagens são meu testemunho. Os eventos que eu registrei não devem ser esquecidos e não devem ser repetidos.”

James Nachtwey

RESUMO

CARVALHO, Fernanda Assis. **Além da lama:** um ensaio fotográfico sobre Paracatu de Baixo. Relatório técnico (Graduação em Comunicação Social, Habilitação em Radialismo) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio De Janeiro. Rio de Janeiro, 2016.

Este relatório apresenta a descrição do processo de realização de um ensaio fotográfico sobre Paracatu de Baixo, o segundo subdistrito de Mariana-MG mais atingido pelo rompimento da barragem de Fundão, em 05 de novembro de 2015. O objetivo deste projeto é, através da fotografia, dar visibilidade ao vilarejo de Paracatu, do qual pouco se falou durante este um ano de tragédia. Desde sua concepção até a fase de apresentação das imagens, busca-se refletir sobre a pluralidade potencial da fotografia, investindo em um olhar polissêmico sobre o objeto fotografado. Além disso, procura-se alargar as possibilidades de compreensão da fotografia de tragédia, incentivando uma perspectiva que capta detalhes e entre-cruza temporalidades para alcançar a vida humana para além dos destroços.

Palavras-chave: Paracatu de Baixo, Tragédia, Fotografia, Humano.

ABSTRACT

CARVALHO, Fernanda Assis. **Além da lama:** um ensaio fotográfico sobre Paracatu de Baixo. Relatório técnico (Graduação em Comunicação Social, Habilitação em Radialismo) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio De Janeiro. Rio de Janeiro, 2016.

This report presents the description of the process of making of a photographic essay on Paracatu de Baixo, the second sub-district of Mariana-MG most affected by the rupture of the Fundão dam, on November 5th, 2015. The objective of this project is, through photography, to give visibility to the village of Paracatu, of which little was said about during this one year of tragedy. From its conception until the presentation phase of the images, it is sought to reflect on the potential plurality of the photograph, investing in a polysemic look on the photographed object. In addition, it seeks to widen the possibilities of understanding tragedy photography by encouraging a perspective that captures details and criss-cross temporalities to reach human life beyond the wreckage.

Key Words: Paracatu de Baixo, Tragedy, Photography, Human.

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE A - Lista de Equipamentos	53
APÊNDICE B - Orçamento	54
APÊNDICE C - Cronograma	55
APÊNDICE D - Ficha Técnica	56
APÊNDICE E - Fotografias ilustrativas	57
APÊNDICE F - Ensaio fotográfico	58

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
1.1. Contexto do trabalho	13
1.2. Objetivo	16
1.3. Justificativa	16
1.4. Organização do relatório	18
2. PRÉ-PRODUÇÃO	19
2.1. Desenvolvimento do produto fotográfico	19
2.1.1. Público	19
2.1.2. Concepção da obra	19
2.1.3. A pesquisa por referências	23
2.1.4. Infraestrutura necessária	27
2.1.5. Orçamento e fontes de financiamento	27
2.2. Planejamento e organização do ensaio	28
2.2.1. Cronograma	28
2.2.2. Definição da equipe técnica	28
2.2.3. Definição do objeto central	28
2.2.4. Definição da locação	29
3. PRODUÇÃO	30
3.1. Direção	30
3.2. Produção	31
3.3. Realização das fotos	32
4. PÓS-PRODUÇÃO	46
4.1. Seleção e tratamento das imagens	46
4.2. Ampliação	47
4.3. Exibição	48
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
6. REFERÊNCIAS	51
7. APÊNDICES	53

1. INTRODUÇÃO

“Não fotografe o que se parece. Fotografe o que se sente.”

David Alan Harvey

1.1. Contexto do trabalho

No dia 05 de novembro de 2015, a barragem de Fundão, localizada a 35km do centro histórico da cidade de Mariana, na região central de Minas Gerais, rompeu-se derramando aproximadamente 32 milhões de metros cúbicos de rejeito de mineração — volume parcial do total de 56 milhões de m³ que estavam armazenados¹. O desastre vitimou 19 pessoas, além de incontáveis animais, soterrou povoados, devastou o Rio Doce. Ao longo dos 650km de extensão do Rio, a lama de rejeitos impactou diversos municípios nos estados de Minas Gerais e Espírito Santo até desaguar no litoral no dia 21 de novembro. E esta tornou-se a maior tragédia ambiental da história do país².

As barragens de Fundão, Germano e Santarém são destinadas à contenção de rejeitos, sendo as duas primeiras de rejeitos sólidos e a terceira de sedimentos e água. Juntas elas formam um complexo de barragens administrado pela mineradora brasileira Samarco, controlada em partes iguais pela empresa Vale S.A. e pela anglo-australiana BHP Billiton.

Barragens de rejeitos são estruturas artificiais construídas em locais naturalmente côncavos para conter e armazenar todo o material descartado da atividade de mineração. A partir do beneficiamento do minério — processo de separação do minério de ferro para se obter o material valioso isolado do restante que não tem valor comercial — são gerados resíduos sólidos e água. Esses rejeitos são empilhados na barragem, onde secam e ficam duros. Para uma melhor compreensão da relação entre as barragens desse complexo, a repórter Consuelo Dieguez ilustrou:

Seria, mal comparando, colocar pó de café coado em uma xícara partida ao meio. O pó só se mantém firme caso esteja seco e comprimido. Para impedir a saturação da

¹ Disponível em: <http://www.samarco.com/balanco/> Acesso em: 20 nov. 2016.

² Disponível em: <http://brasileiros.com.br/2015/11/mariana-e-o-maior-desastre-ambiental-ocorrido-no-pais/> Acesso em: 20 nov. 2016.

estrutura – seja pela chuva seja pela umidade dentro dela –, a água é permanentemente drenada e desviada para uma barragem de resíduos líquidos. No caso de Fundão, a barragem de Santarém (DIEGUEZ, 2016, p.22).

Assim, entre 15:30h e 16h, quando a barragem de Fundão se rompeu, uma onda de rejeitos atingiu a barragem de Santarém, constituída de água. A mistura de lama seguiu em direção ao povoado de Bento Rodrigues, distrito de Mariana, e sem nenhuma medida de emergência a ser executada, treze funcionários da empresa e de terceirizadas, que trabalhavam nas proximidades, e seis pessoas da comunidade morreram. Após dizimar completamente o vilarejo, a lama soterrou também o subdistrito de Paracatu de Baixo. Por onde passou, deixou um rastro de destruição: Camargos, Paracatu de Cima, Pedras, Gesteira, Campinas, Ponte do Gama, Barra Longa, chegando até a barragem da Usina Hidrelétrica Risoleta Neves (popularmente conhecida como Candonga), situada na bacia hidrográfica do Rio Doce-MG. Até este ponto ficaram depositados 26,5 milhões de m³ de rejeitos. Em seguida, outros 5,5 milhões de m³ seguiram o fluxo do curso d'água até a foz do rio, localizada na vila de Regência, no Espírito Santo, deixando municípios como Governador Valadares-MG e Colatina-ES sem distribuição pública de água por alguns dias.

As principais localidades atingidas pela enxurrada de lama foram distritos e subdistritos do município de Mariana. Por esse motivo, o caso ficou conhecido como a 'tragédia de Mariana', apesar da mesma não ter sido atingida diretamente. A catástrofe foi tamanha que ganhou repercussão na mídia internacional. No entanto, enquanto a lama ainda percorria o Rio Doce, no dia 13 de novembro, uma série de atentados terroristas em Paris dividiu a atenção das notícias sobre a barragem na mídia nacional. A partir daí, pouco foi debatido sobre o rompimento, suas consequências e possíveis culpados. Nesses casos a imprensa tem um papel muito importante, visto que é através dela que a maioria das pessoas tomam conhecimento sobre os acontecimentos do mundo. Conforme o tempo foi passando, cada vez menos a mídia falou sobre o caso.

Na época, o desastre trouxe a público uma discussão sobre a responsabilidade das mineradoras em relação aos rejeitos que elas produzem. O tamanho da estrutura de uma barragem requer que a empresa responsável tenha planos de contingência em casos de situações de emergência. Enquanto a mineradora Samarco se defendia, garantindo que havia cumprido todas as exigências do programa de emergência aprovado pela prefeitura de Mariana e de outros órgãos de fiscalização, a mídia denunciava que a população foi alertada

por telefone, e não por um sistema de sirene, como deveria ser. Para o promotor de justiça de defesa do meio ambiente do Estado de Minas Gerais, Carlos Eduardo Pinto, “não foi acidente”. Em entrevista para o jornal Estado de Minas ele afirmou “Não há fatalidade nisso. Não podemos admitir que seja acidente um rompimento de um empreendimento de tamanha magnitude. Por isso, considero que seja uma negligência”³. Aqui, se faz importante observar que, não é intuito deste trabalho discutir a responsabilidade do evento ocorrido, nem as medidas legais a serem tomadas.

Hoje, um ano depois do acontecimento, os danos causados por toda a extensão da tragédia se mostram irreversíveis e as consequências ainda são incalculáveis. As cidades localizadas ao longo do Rio Doce tiveram seu dia-a-dia afetado, visto que não mais podem usufruir do Rio, seja para trabalho ou lazer. Vilarejos ou cidades parcialmente atingidos pela lama ainda estão em obras, tentando se reconstruir. No entanto, os moradores de Bento Rodrigues e Paracatu de Baixo, os dois distritos mais direta e imediatamente atingidos, continuam abrigados em casas alugadas pela Samarco na cidade de Mariana, à espera da reconstrução dos seus povoados em novas localidades.

Desde a tragédia, o local que recebeu maior destaque na mídia foi o povoado de Bento Rodrigues. Televisão, jornais, revistas, sites de notícia, em sua grande maioria sempre trazem Bento Rodrigues ou o Rio Doce como personagens principais do desastre. Contudo, Paracatu de Baixo também não existe mais, e poucas vezes foi mencionado pelos veículos de comunicação ao longo do último ano.

Nesse vilarejo nenhuma vida humana se perdeu, mas a vida em comunidade dos cerca de 500 moradores que lá viviam está se desintegrando rapidamente, visto que eles estão espacialmente dispersos, o que tem contribuído inclusive para a desunião dos mesmos. Além das ruas, casas, bares, escola, igreja e campo de futebol, elementos físicos soterrados, histórias, memórias e projetos também sofrem o impacto da lama, embora muitas vezes não sejam elencados como essenciais para a permanência da identidade de uma comunidade.

Nesse contexto, após um ano desde o rompimento da barragem, um ensaio fotográfico sobre esse vilarejo pode potencializar uma ampliação das formas de perceber o ocorrido evidenciando a complexidade das proporções do desastre.

³ Para saber mais: Jornal O Estadão <<http://opinio.estadao.com.br/noticias/geral.a-tragedia-de-mariana.10000001681>>. Acesso em: 17 nov. 2016; Jornal O Estado de Minas <http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2015/11/09/interna_gerais.706046/nao-foi-acidente-diz-promotor-sobre-desastre-ambiental-em-mariana.shtml> . Acesso em: 17 nov. 2016.

1.2. Objetivo

O ensaio fotográfico pretende promover uma reflexão sobre as consequências do rompimento da barragem de Fundão na vida dos moradores de Paracatu de Baixo, bem como de todos os atingidos. Para tanto, destacam-se os seguintes objetivos:

- Revelar, na ausência de figuras humanas, a extensão da destruição de projetos de vida;
- Fortalecer a percepção de Paracatu de Baixo como um dos personagens dessa tragédia;
- Provocar o observador para que ele se reconheça nesse cenário e/ou se compadeça da situação do outro;
- Sensibilizar o espectador para a compreensão de o quanto longo será o processo de reelaboração da vida dessas comunidades;
- Registrar as dimensões materiais e imateriais do desastre;
- Incentivar a mobilização em prol dessas comunidades.

1.3. Justificativa

Mediante pesquisa, percebeu-se que, nesse um ano de tragédia, muito pouco se falou sobre Paracatu de Baixo nos jornais, revistas e até mesmo nas redes sociais. Mas o vilarejo foi tão afetado quanto Bento Rodrigues, conforme constatado desde a primeira visita de campo. Como ele não teve espaço na mídia, a delimitação do objeto de estudo correspondeu, em parte, à necessidade de dar voz ao povoado. Além disso, realizar esse ensaio garante mais um instrumento de divulgação sobre o tema, pois disseminar essa história é um incentivo para que ela não caia no esquecimento.

Dentro da área acadêmica de comunicação, o tema se mostra extremamente relevante, uma vez que trata de um assunto atual e ainda com grandes implicações futuras. Faz-se importante, portanto, produzir material que sirva de pesquisa para gerar discussões e debates que fomentem a construção do saber e a reflexão acadêmica e científica na área.

As consequências da tragédia ainda são incalculáveis, mas os danos ambientais, sociais e culturais já são permanentes. As fotos presentes neste trabalho podem servir como fonte para diferentes pesquisas acerca da tragédia em questão. A fotografia, como documento,

aliada à produção de informações, se configura como um excelente meio de produzir registros datados que ilustram acontecimentos históricos ou, mais precisamente, versões desses acontecimentos, visto que de acordo com Ronaldo Entler a imagem nunca está livre de lacunas e sobreposições:

Se a imagem é um lugar de articulações, ela é também um lugar de conflitos: nela se cruzam autores, uma sociedade, um momento histórico, uma técnica, o objeto da representação e tantos outros olhares dedicados a ela ao longo do tempo e, assim, outras sociedades etc., coisas que não são necessariamente solidárias entre si na produção de um sentido comum (ENTLER, 2012, p.133).

Ronaldo Entler defende que a fotografia expressa com intensidade uma característica da imagem que é a capacidade de nela se encontrar tanto uma direção precisa quanto uma pluralidade de direções, que podem ser colocadas em relação umas com as outras. Essas palavras tocam de forma particular a autora deste trabalho, nascida em Ouro Preto-MG, cidade vizinha à tragédia, e familiarizada com imagens dessa região que antecedem à destruição.

Ao articular neste trabalho de conclusão de curso a fotografia (sua área de interesse no campo da comunicação) ao drama vivido pelos moradores, a autora tem a possibilidade de contribuir com sua região natal e, ao mesmo tempo, instigar um olhar fotográfico que transcende os limites do indivíduo — embora a fotografia se relacione com a subjetividade do autor e do observador — e o contexto imediato, uma vez que:

...a imagem participa, à sua maneira, do mistério, da complexidade e da profundidade que habitam as bonecas russas, as belas *matrioshkas*, que contêm e escondem outras bonecas — da ordem de sete ou mais — cada uma menor, todas participando de um tempo anacrônico. O importante é o fato de que essas bonecas se encaixam num movimento materno e matricial expandido no tempo. O tempo da imagem nunca será o tempo da história (SAMAIN, 2012, p.31-32).

Nesse sentido, articula-se a esta justificativa a possibilidade de trabalhar a imagem fotográfica de forma polissêmica, quer seja como documento ou como arte. Ao mesmo tempo em que o ensaio documenta a tragédia, ele convoca à percepção de imagens que participam “de histórias e de memórias que a precedem, das quais se alimenta antes de renascer um dia, de reaparecer agora no meu *hit et nunc* e, provavelmente, num tempo futuro, ao (re) formular-se ainda em outras singulares direções e formas.”⁴ (SAMAIN, 2012, p.33).

⁴ *hit et nunc*: expressão latina que significa "aqui e agora".

Em síntese, a justificativa deste trabalho se alicerça em três elementos: conferir visibilidade a outro povoado atingido pelo rompimento da barragem de Fundão, contribuir para a divulgação e não esquecimento da tragédia e, ao mesmo tempo, defender a fotografia como imagem potencialmente plural.

1.4. Organização do relatório

Este relatório está organizado de forma a detalhar as etapas do desenvolvimento do projeto em questão, isto é, sua concepção, viabilização e realização.

O capítulo Pré-Produção apresenta o processo de pesquisa das referências até a concepção da obra, incluindo os itens de planejamento que possibilitaram sua execução.

O capítulo Produção compreende a descrição da fase de execução da parte prática do trabalho, desde sua viabilização até o momento final de captura das fotografias. Contém também, em formato de diário, os relatos do processo do ensaio.

O capítulo Pós-Produção expõe as decisões tomadas após a realização do ensaio: a seleção das imagens, o tratamento digital ao qual foram submetidas, e a forma de apresentá-las ao público.

Por fim, as Considerações Finais trazem uma reflexão sobre o conteúdo do projeto a partir do material produzido.

2. PRÉ-PRODUÇÃO

Este capítulo consiste no detalhamento do processo anterior à produção das fotografias deste projeto, desde sua concepção, seus referenciais estéticos e teóricos, até os elementos necessários à concretização do ensaio.

2.1. Desenvolvimento do produto fotográfico

A obra em questão foi realizada a partir de um projeto cujo objetivo era o desenvolvimento de uma série de fotografias que abordasse a intensidade do impacto sofrido pelos povoados atingidos com o rompimento da barragem de Fundão. Priorizou-se, desta maneira, um ensaio composto por elementos do cotidiano reveladores da presença humana abruptamente deslocada desse espaço.

Geralmente, tal presença não é captada em primeiro plano no cenário atual de Paracatu de Baixo. Por isso, o olhar do observador deve ser capaz de ir além do tom marrom alaranjado da lama que encobre esse cenário para conseguir relevar ou captar uma realidade mais ampla.

2.1.1. Público

O ensaio fotográfico produto deste trabalho é direcionado, principalmente, às pessoas da comunidade de Mariana e seus distritos, que por algum motivo não tenham se solidarizado com a situação dos moradores de Paracatu de Baixo e de todos os outros atingidos.

No mais, o público-alvo deste projeto é amplo, visto que se trata de uma tragédia de grande proporção que levanta questões ambientais, sociais e econômicas do país. Dessa maneira, a obra é voltada para todos aqueles que considerem importante a realização de análises e discussões sobre o tema.

2.1.2. Concepção da obra

Guerras, conflitos, atentados, desastres, situações de violência e tantos outros cenários de sofrimento sempre tiveram grande cobertura midiática, seja impressa ou virtual, em

televisão, jornais, revistas, internet e, já há algum tempo, em redes sociais. Segundo a professora Teresa Bastos, “o que vemos cotidianamente nos meios de comunicação é a representação do que já se convencionou ser chamado tragédia — seja ela urbana ou pessoal —, através das imagens fotográficas”⁵.

Um exemplo disso é o caso do rompimento da barragem de Fundão. A excessiva divulgação de fotografias do acontecimento exemplifica uma banalização de imagens de tragédia, o que ganhou força sobretudo após as Guerras Mundiais. No livro *Diante da dor dos outros*, a ensaísta norte-americana Susan Sontag, faz um paralelo entre conflitos bélicos e o desenvolvimento técnico da fotografia, expondo que “o choque se tornou estímulo primordial de consumo e uma fonte de valor” (SONTAG, 2003, p.23-24). Nessa medida, é bastante pertinente o questionamento feito pela autora: “De que outro modo deixar uma marca mais funda quando existe uma incessante exposição a imagens e uma excessiva exposição a um punhado de imagens vistas e revistas muitas vezes?” (Idem, p.24).

Seu questionamento se adensa quando consideramos a atual facilidade de se fazer imagens com dispositivos portáteis que lança essa produção para além do campo profissional e, geralmente, faz com que as fotografias de tragédia sejam produzidas sem uma reflexão ética e estética que pondere a sua realização. Aliado a esse aspecto, a existência de uma foto, como registro de um acontecimento, tem a capacidade de o tornar mais real, porque a fotografia tem uma dimensão de testemunho, conforme fala Sontag em seu livro *Sobre Fotografia*, quando afirma que “Algo de que ouvimos falar mas de que duvidamos parece comprovado quando nos mostram uma foto.” (SONTAG, 2004, p.9).

Porém, ainda de acordo com essa autora, um evento pode se tornar menos real quando se vê retratado com uma frequência desmedida. Isso se deve ao fato de que uma imagem, que a princípio poderia chocar o observador, quando extensamente veiculada, pode deixar de ter esse poder, se tornando uma imagem clichê, banalizada. Aliás, “A imagem como choque e a imagem como clichê são dois aspectos da mesma presença.” (SONTAG, 2003, p.24).

⁵ Reprodução da autora de trecho retirado da fala da palestrante Professora Teresa Bastos em: A Cena Expandida. (2016, Fev. 01). 25/NOV/2015 - Mesa 2: Imagem e Tragédia. [Arquivo de vídeo]. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IrFi5fZ42Cg>>. Acesso em: 18 nov. 2016. Arquivo de vídeo se refere ao seminário *A Cena Expandida - Tragi-Cidade*, ocorrido no dia 25 de novembro de 2015, na Casa da Ciência - Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da UFRJ.

Também nesse sentido, Teresa Bastos argumenta que o que baliza uma fotografia na mídia é seu poder de comoção e questiona sobre como garantir à fotografia outra sobrevivência. Na sequência ela se posiciona afirmando que:

Acreditamos que a apropriação ou a utilização dessas imagens no território da arte, tanto como gesto de desterritorialização, ou como processo criativo, é que vão torná-las, de uma certa maneira, potentes. E essa operação implica em retirá-la da condição de representantes da tragédia, para a de anúncio da potência do trágico (BASTOS, 2015).⁶

No caso da tragédia de Mariana, essas imagens de sofrimento, além de muito parecidas entre si, tiveram grande repercussão nacional e internacional. Levando em consideração a colocação de Bastos e o pensamento de Sontag de que “o choque das atrocidades fotografadas se desgasta com a exposição repetida” (SONTAG, 2004, p.17), seria possível, mesmo após tamanha repetição visual do desastre, um fotógrafo, com um outro olhar, suscitar outras percepções, que pudessem ir além da tragédia? Seria possível, mesmo diante de tantos destroços, fomentar na imaginação do observador, outras possibilidades de compreensão daquela realidade, sobretudo a um estado anterior a ela?

A proposta deste trabalho, portanto, é ir além deste choque que, por vezes, segundo Walter Benjamin, “paralisa o mecanismo associativo do espectador” (BENJAMIN, 1994, p. 107), para instigá-lo a ver outras imagens que também habitam essas fotografias. Diante disso, busco nesta obra, voltada para o público de Mariana e para o público mais geral, levá-los a enxergar as fotografias de forma polissêmica. Não procuro, em nenhum momento, retirar do acontecimento seu caráter de tragédia. Procuro tão somente romper com o discurso que se alimenta dos destroços e paralisa as pessoas diante de um fluxo de destruição.

Quando convido este espectador a parar diante das minhas fotografias e sair deste fluxo, quero chamar atenção para a sutileza do que está por trás do instante capturado. Nesse sentido, busco instigar o público à possibilidade de imaginar o que antecedia à dor e, assim, encontrar na fotografia uma sobreposição de temporalidades, visto que, como afirma o historiador Alexandre Oliveira:

“A fotografia é sempre um ato fragmentário, pois não capta inúmeras realidades também presentes no momento do registro. Além disso, a imagem fotográfica rompe com o tempo do referente e instaura outra(s) temporalidade(s), trazendo dentro de si uma infinidade de outras imagens, vivências rememoradas e projetadas a partir da sua visualização. (OLIVEIRA, 2006, p.103).

⁶ Idem item 5.

Nesse sentido, o choque que se pretende causar, não é o choque da perplexidade diante do tamanho do desastre, mas um choque de sensibilidades, que convida o observador a enxergar o que vem antes da tragédia e o que poderia ou poderá vir depois, chamando atenção para o que, por vezes, deixamos de ver.

Segundo Benjamin: “a fotografia revela (...) mundos de imagens habitando as coisas mais minúsculas, suficientemente ocultas e significativas” (BENJAMIN, 1994, p.94). Poderia o observador se deter diante da fotografia e mergulhar nos detalhes e nas minúcias, mesmo acreditando que essas imagens, de certo modo, já se tornaram clichê? Como essas fotografias podem promover, de maneira mais efetiva, a aproximação entre o observador e o objeto fotografado?

Para estimular um olhar outro sobre as fotografias de Paracatu de Baixo após o rompimento da barragem de Fundão, vê-se a possibilidade da utilização de legendas como artifício para que o olhar do observador queira se deter nessas imagens e investigá-las. Conforme sugere Benjamin, advertindo contra a percepção superficial da fotografia, “aqui deve intervir a legenda, introduzida pela fotografia para favorecer a literalização de todas as relações da vida e sem a qual qualquer construção fotográfica corre o risco de parecer vaga e aproximativa.” (BENJAMIN, 1994, p.107).

Ao se abrir para a investigação, o observador pode ir além do primeiro olhar usual, permitindo que outras imagens irrompam da fotografia. A utilização da legenda, nesse sentido, se dá como forma de despertar no observador novas possibilidades de visão. Mas é importante ressaltar que as legendas, utilizadas nesse trabalho, são convites ao mergulho em um universo de imagens que a fotografia abarca e que transcendem a camada superficial do instante congelado. Ou seja, as legendas não pretendem definir rotas, ou dar direcionamentos explícitos, porque embora o trabalho tenha um condução autoral técnica e estética, ele não tira do observador sua autonomia. Espera-se que o observador investigue a imagem procurando ver dela algo mais.

Segundo Teresa Bastos, na relação com palavras de Didi-Huberman, é importante atentar para o fato de que as imagens não trazem todo o acontecimento, mas parte dele:

Como observa Georges Didi-Huberman, as imagens sofrem por serem vítimas de dois tipos de leituras: uma que espera ver tudo, e outra que acredita que ela tem muito pouco a mostrar. Para quem espera ver muito na imagem, ela é sempre insuficiente, pois jamais dará conta de todo o evento. E esse resto é muito interessante para a gente parar de pensá-la como ícone do acontecimento, mas para pensá-la como um fragmento, um resto mesmo do que ocorreu (BASTOS, 2015).

Partindo dessa premissa, posso afirmar que o ensaio pretende que o observador veja, a partir do fragmento, um todo maior. As imagens deste ensaio não são fotografias de detalhes, mas trazem, em algum ponto dentro de si, detalhes que apontam, na ausência do homem, a sua presença, sendo que esta presença está implícita em um cotidiano que antecede a cena trágica. Além disso, a mídia tem valorizado como personagens do desastre o distrito, a mineradora, o meio ambiente, o rio, os destroços. Chamar a atenção para os detalhes de cada fotografia é fundamental para resgatar o humano que tem sido ofuscado. Busco, portanto, apresentá-lo como personagem principal do acontecimento.

Logo, ainda que as fotografias registrem um conjunto de destroços materiais, elas buscaram captar o homem nos seus afazeres cotidianos, quer sejam de intimidade, trabalho, lazer ou estudo. Ao revelar a extensão da destruição por meio de detalhes da rotina que foi interrompida, objetos de uso pessoal, utensílios de cozinha, móveis, brinquedos, entre outros elementos, marcam a presença humana onde sua figura, hoje, se faz ausente. Dessa forma, o observador poderá ter uma percepção que, sem sublimar o impacto da lama nesse cenário, devolve a esse último o humano.

Assim, a intenção é provocar o observador para que ele encontre correspondências com a rotina interrompida e se reconheça, como humano que é, nesse cenário marcado por uma tonalidade marrom avermelhada. Espera-se que ele se sensibilize com a realidade do outro e dela possa se compadecer ao ponto de sentir-se mobilizado à ação, ou seja, sinta-se impelido a ajudar o próximo.

2.1.3. A pesquisa por referências

Neste item cito e ilustro, através de algumas fotografias, trabalhos que contribuíram de algum modo com este ensaio, seja como referência temática ou inspiração estética.

A exposição *A Lama: De Mariana ao Mar*, com fotografias de Cristiano Mascaro e Pedro Mascaro, foi referência temática para este projeto durante a fase de pré-produção. Exibidas no Paço Imperial, na cidade do Rio de Janeiro de 22 de setembro a 20 de novembro de 2016, as fotografias foram tiradas em maio deste ano para reportagem sobre a tragédia de Mariana publicada na edição 118 da revista *Piauí* em julho de 2016.

O portfólio⁷ conta com imagens aéreas — o que nos permite ter uma ideia da proporção de até onde a lama chegou; com fotografias de planos abertos; e com outras de planos mais fechados — às vezes dando atenção a pequenos objetos. Essa variedade de enquadramentos me permitiu refletir sobre as possibilidades fotográficas que eu tinha. A exposição, portanto, me serviu como referência antes mesmo da minha chegada à região afetada.

Figura 1 - Sem título



Fonte: Piauí, 2016

Figura 2 - Sem título



Fonte: Piauí, 2016

Figura 3 - Sem título, 2016



Fonte: Piauí, 2016

Após a decisão de fazer um ensaio fotográfico restrito ao vilarejo de Paracatu de Baixo, fiz pesquisas em ambiente eletrônico buscando encontrar outros trabalhos sobre o tema. O memorial descritivo *Memória de Barro: um olhar fotográfico sobre Paracatu de Baixo na tragédia de Mariana*, de Stess Panissi, defendido junto ao curso de Comunicação Social na Universidade Federal de Juiz de Fora, no ano de 2016, como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel, objetiva dar visibilidade a esse vilarejo, que a autora percebe ser uma parte oculta da tragédia.

Nesse sentido, tanto sua produção fotográfica quanto teórica contribuíram para o desenvolvimento do meu projeto. No entanto, sua abordagem lança mão de uma narrativa verbal subsidiada pela fotografia, de forma indissociável. Ao passo que minha intenção é

⁷ O portfólio presente na Revista está disponível em: <http://piaui.folha.uol.com.br/materia/a-onda-de-mariana/>
Acesso em: 29 out. 2016.

conferir às fotografias deste ensaio a possibilidade de se expressarem com o mínimo de intervenção verbal e, desse modo, garantir maior autonomia de atribuição de sentidos por parte do observador.

Figura 4 - Camas



Fonte: Stess Panissi, 2016

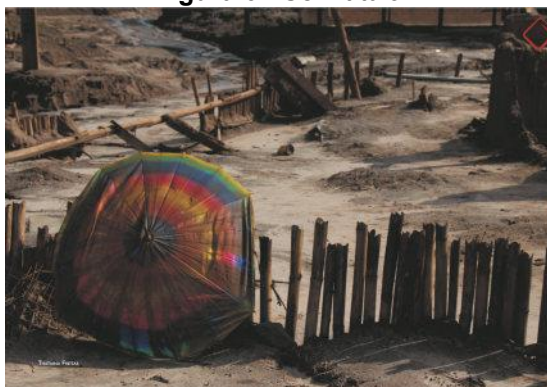
Figura 5 - Feixe de Luz



Fonte: Stess Panissi, 2016

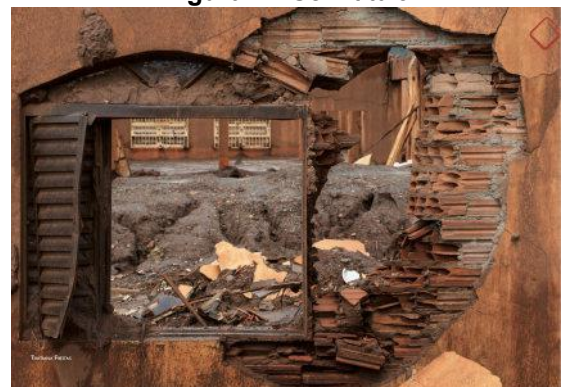
O ensaio fotográfico *Quem resiste à lama*, produzido por cinco alunos do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto e publicado na revista *Curinga*⁸, "busca mostrar o que ainda restou dos locais que hoje se tornaram apenas lembranças daquilo que chegaram a ser um dia" (FREITAS *et al*, 2016, p.2). Nele há a preocupação de permitir ao observador a capacidade de imaginar o cotidiano desses distritos, interrompido pela tragédia. As fotografias selecionadas são de alta qualidade. No entanto, no meu ponto de vista, sobretudo após ter permanecido imersa no local da tragédia, o tratamento sofisticado dado às fotografias pode interferir na relação entre o observador e o objeto fotografado, dificultando a aproximação entre eles.

Figura 6 - Sem título



Fonte: Curinga, 2016

Figura 7 - Sem título



Fonte: Curinga, 2016

⁸ Publicação da disciplina Laboratório Impresso II. Revista produzida pelos alunos do curso de Jornalismo da UFOP. Instituto de Ciências Sociais Aplicadas (ICSA). Departamento de Ciências Sociais, Jornalismo e Serviço Social (DECSO). Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).

O fotógrafo Robert Polidori, conhecido por registrar marcas deixadas por desastres, sejam eles naturais ou provocados pelo homem, colaborou com o presente trabalho como referência fotográfica de tragédias. Muitas de suas imagens exibem ambientes vazios, revirados, destruídos e, geralmente, abandonados após catástrofes abruptas.

Conforme Stefan Zebrowski-Rubin, colaborador no Artblog⁹, refere-se a obra de Polidori:

Quando o fotógrafo nascido em Montreal enfrenta os ecos domésticos de atrocidades maiores, ele produz imagens assustadoras. As salas de Beirute devastadas de bala. Os espaços interiores de Chernobyl derrubados. Os quartos de Nova Orleans espalhados pela inundação. Confrontado com todas estas imagens, o espectador enfrenta um silêncio humano que sugere uma presença humana anterior. Os escombros e as ruínas implicam em vidas vividas e comentam sobre a futilidade do ambiente construído diante da guerra e do desastre, tanto artificial como natural.¹⁰

A figura humana, nas fotografias de Polidori, se faz presente na sua própria ausência, o que o torna inspiração fundamental para este projeto, que também procura promover um olhar que consiga ir além dos destroços, da destruição, dos apagamentos, das interrupções, sem, contudo, sublimá-las.

Figura 8 - 5417 Marigny Street



Fonte: Robert Polidori, 2006

Figura 9 - Gymnasium in School #5



Fonte: Robert Polidori, 2001

⁹ Artblog é uma publicação online independente que promove o diálogo e a comunidade através de comentários e discussões sobre arte e cultura.

¹⁰ Tradução livre da autora: "When the Montreal-born photographer confronts the domestic echoes of larger atrocities, he produces haunting images. The ravaged bullet-ridden rooms of Beirut. The toppled interior spaces of Chernobyl. The flood-strewn bedrooms of New Orleans. Confronted with all of these images, the viewer faces a humanless silence that suggests a previous human presence. The rubble and the ruins imply lives lived and comment upon the futility of the built environment in face of war and disaster, both man-made and natural." Disponível em: <http://www.theartblog.org/2009/09/robert-polidori-at-the-musee-dart-contemporain-de-montreal/> Acesso em: 28 out. 2016.

2.1.4. Infraestrutura necessária

Para a execução deste ensaio foi necessário que eu me deslocasse da cidade do Rio de Janeiro, onde vivo, para Paracatu de Baixo, subdistrito de Mariana-MG. Sendo natural da região, a hospedagem ficou a cargo de parentes. A locomoção foi dividida em três trechos: o primeiro, do Rio de Janeiro a Ouro Preto, onde ficamos hospedadas; o segundo, de Ouro Preto a Mariana, onde participamos, durante dois dias, de um seminário sobre o tema do trabalho em questão; e o terceiro, de Ouro Preto a Paracatu de Baixo, trajeto realizado todos os dias durante cinco dias. Todos os percursos foram feitos em carro particular, sempre guiado pela minha mãe. A disponibilidade do automóvel, guiado por um familiar, foi fundamental para que os locais fossem mais facilmente alcançados, permitindo também maior liberdade para traçar percursos guiados pelas memórias de Elias, um morador local.

O ensaio foi realizado com equipamentos próprios, os quais transporte desde a cidade de origem. São eles: uma câmera digital *Canon EOS Rebel T3i*; uma lente objetiva *Canon 18-135mm f/3.5-5.6*; uma lente zoom *Canon 75-300mm f/4-5.6*, que me ofereceu maior liberdade de enquadramento em espaços abertos; e um tripé, para as imagens capturadas em interiores, onde a iluminação era escassa e/ou para momentos em que o relevo era bem instável. As fotos foram feitas durante o dia utilizando luz natural, não havendo necessidade da utilização de flash. Poucos equipamentos e equipe reduzida também foram pensados de modo a não interferir na relação que a fotógrafa estabeleceria com as pessoas da comunidade.

A descrição dos equipamentos utilizados encontra-se no apêndice A.

2.1.5. Orçamento e fontes de financiamento

A realização do ensaio envolveu o custo da gasolina do automóvel particular utilizado para os deslocamentos. A alimentação durante os dias de trabalho de campo foi custeada pela minha mãe, e em outros momentos, por parentes. Por já possuir a câmera, lentes e tripé, não houve custos com equipamentos fotográficos. A etapa de pós-produção foi responsável por outra parte dos gastos, compreendendo a impressão dos relatórios para a banca, as ampliações e as impressões das imagens. O projeto contou, na sua totalidade, com o financiamento dos meus pais.

O orçamento encontra-se no apêndice B.

2.2. Planejamento e organização do ensaio

Este item descreve como se deram as escolhas que possibilitaram a realização do ensaio: cronograma, equipe técnica, objeto central e locação. A definição dos dias de visita de campo foi feita levando em consideração a proximidade com o dia 05 de novembro de 2016, data que completaria um ano do rompimento da barragem de Fundão. O tempo de permanência na região contava com uma elasticidade de 10 dias, desde o momento de chegada, participação em um seminário sobre o assunto, captação das fotos e partida.

2.2.1. Cronograma

O cronograma encontra-se no apêndice C.

2.2.2. Definição da equipe técnica

Por se tratar de um projeto pessoal em que a realização das fotos seria pautada principalmente pela minha visão particular, foi decidido por executar o trabalho de campo sozinha, contando apenas com a ajuda de familiares. O projeto teve, portanto, o apoio da Gláucia, minha mãe, no âmbito da produção — em questões como transporte e alimentação —, além do suporte diário nas visitas de campo; e o apoio da Nara, minha tia, também em questões de produção — como hospedagem e alimentação —, além do auxílio na elaboração conceitual da obra. Todo o apoio de equipe foi voluntário.

A ficha técnica encontra-se no apêndice D.

2.2.3. Definição do objeto central

Quando decidi realizar um ensaio fotográfico sobre a tragédia decorrente do rompimento da barragem do Fundão, o objeto a ser retratado, em uma acepção ampla, eram os moradores do distrito de Paracatu de Baixo. A primeira possibilidade era, desse modo, fazer

retratos dos moradores nas casas provisórias que estão morando em Mariana-MG, captando as mudanças que ocorreram em suas vidas.

No entanto, ao conhecer pessoalmente o povoado de Paracatu de Baixo e alguns dos seus moradores, e perceber a relação de afetividade que ainda mantêm com o local — apesar do cenário de destruição caracterizado por uma grande cobertura de lama — reavaliei meus planos e redefini o objeto central. Ao invés de retratar pessoas, passei a buscá-las em vestígios, objetos e espaços. Meu objeto central tornou-se, com isso, os destroços com potencialidade de revelar a vida em um cenário de destruição.

2.2.4. Definição da locação

Na fase de planejamento, as possíveis locações seriam as casas provisórias onde atualmente vivem os antigos moradores de Paracatu de Baixo, localizadas na cidade de Mariana-MG. No entanto, era muito importante para mim e para o desenvolvimento do trabalho conhecer pessoalmente os distritos atingidos pela lama.

Durante o processo de incursão pelas regiões, constatar o abandono em que se encontra o vilarejo de Paracatu e ao mesmo tempo a resistência de alguns moradores que ali permanecem, acabou por redesenhar meu projeto. A definição final da locação se deu, conseqüentemente, com a definição do objeto central da obra.

3. PRODUÇÃO

Neste capítulo exponho como se deu o processo de captação das fotografias, assim como as escolhas tomadas durante o andamento do trabalho. Os relatos presentes abaixo foram feitos em forma de diário e abordam aspectos que foram fundamentais para a concepção final da obra. Foram cinco dias de trabalho de campo, dos quais em apenas um não foram tiradas fotografias; com uma média de, aproximadamente, doze horas de trabalho, contando o tempo de locomoção de ida e volta. Foram tiradas 2269 fotografias no total.

3.1. Direção

O ensaio foi realizado no decorrer de quatro dias, durante várias horas do dia e, por esse motivo, a iluminação variou muito, sendo necessária, algumas vezes, a alteração do ISO, da abertura do diafragma e da velocidade do obturador, sempre buscando não comprometer a qualidade da captura. Nesse sentido foi desafiante manter uma homogeneidade de exposição entre as fotografias. Tanto por questão de produção (dificuldade no transporte de material) quanto por questão estética optei, desde o início, por não utilizar equipamentos de iluminação. Decidi registrar o local com a atmosfera mais próxima possível ao seu estado natural: a de um ambiente rural.

Como o ensaio tem a intenção de documentar um acontecimento real defini que não faria nenhuma intervenção nos cenários fotografados. Adotei, então, uma postura observacional, de forma a mostrar a realidade tal como ela se mostrava no momento da captura das fotos. Durante as visitas constatei que a integridade das casas foram alteradas decorrente de ações de vandalismo e saques. A localização de alguns objetos também foi alterada durante esse um ano que se passou desde a tragédia. No entanto, meu intuito era captar, da maneira mais fiel e autêntica possível, a disposição dos objetos da forma como foram encontrados, optando, deste modo, por não interferir em nenhum detalhe.

Paracatu de Baixo tinha cerca de 500 habitantes. Em relação ao tempo que dispunha para a realização das fotos, o espaço a ser fotografado era muito extenso, dentre casas, bares, escola, igreja, e áreas de lazer. Em vista disso, priorizei fotografar os locais que eram

mencionados nas histórias que ouvia dos moradores. A intenção era obter conteúdo não somente visual, mas também narrativo, que seguisse de guia para as fotografias.

A facilidade, atual, de se fazer muitas imagens, visto as funcionalidades de uma câmera digital, permitiu a experimentação quanto aos recortes das cenas. Mesmo que a intenção já fosse realizar um ensaio fotográfico que voltasse a atenção aos detalhes do local, os enquadramentos só foram definidos durante a realização da fotos. Além disso, decidi, desde o início, retratar a destruição não só por meio da tonalidade marrom avermelhada mas, principalmente, pela disposição dos objetos em cena.

3.2. Produção

Após a definição do tema do projeto, o segundo passo foi definir o período em que seria realizado. Como a tragédia completaria um ano em 05 de novembro de 2016, foi facilmente decidido que as datas do ensaio seriam próximas a esse dia. A única aula que eu ainda estava cursando na faculdade era a de Projeto II, portanto arrumar um tempo para a visita de campo não foi um problema.

O próximo passo da produção foi viabilizar minha viagem para a região de Mariana. Ao contar a ideia para a minha mãe, Gláucia, ela instantaneamente se interessou pelo projeto, se dispondo a ficar responsável pelo transporte, já que eu precisaria de um carro para me locomover entre cidades. Como hoje ela mora no estado de Goiás, foi preciso que ela viajasse de carro até o Rio de Janeiro, para me buscar, e de lá fomos para Ouro Preto.

Sem orçamento disponível para o projeto, defini que utilizaria apenas os equipamentos que eu já possuía (os quais estão dispostos no item 2.1.4 deste relatório), facilitando essa demanda da produção.

Em seguida, foi necessário definirmos a hospedagem. Apesar de sermos naturais de Ouro Preto já não temos mais moradia na cidade, de forma que recorremos a parentes próximos. Definido que ficaríamos na casa do meu tio, irmão do meu pai, partimos para Minas Gerais na sexta-feira, 28 de outubro.

Em relação à alimentação, as compras de comida para as visitas de campo foram feitas no Rio e financiadas pelos meus pais, assim como a alimentação na estrada e na rua. As refeições feitas na casa dos meus tios foram custeadas por eles.

O cronograma estabelecido previamente foi: dias 31 de outubro e 1º de novembro, participar do *Seminário Rio de Gente: Como recuperar o Rio Doce?*, realizado pelo *Greenpeace* em parceria com o projeto Rio de Gente e apoio da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), ministrado na cidade de Mariana, no Hotel Providência. Dos dias 02 ao dia 06, fazer as visitas de campo para a realização do ensaio. No dia 05, comparecer aos eventos em homenagem ao um ano do rompimento da barragem.

No dia 02 de novembro, em visita à área de Paracatu de Baixo tive contato com algumas pessoas da região. Após conversa com um dos sete moradores que continuam residindo no vilarejo, tomei conhecimento sobre o dia-a-dia deles e, com isso, defini um período de 5 horas/dia para a realização das fotografias, para que no tempo restante fosse possível estabelecer uma relação com os mesmos. Essa pré-definição contribuiu positivamente para uma boa fluidez do cronograma.

3.3. Realização das fotos

Neste item descrevo, em forma de diário, como se desenvolveu a fase de realização das fotografias. Escolhi este modo de narração por entender que a captura das fotografias está diretamente ligada com relação que estabeleci com os moradores do subdistrito de Paracatu de Baixo. A narração é, em sua maioria, no plural, visto que contei com a companhia da minha mãe, Gláucia, durante todo o processo.

28 de outubro, sexta-feira - Chegada a Ouro Preto

Chegamos a Ouro Preto na sexta-feira ao final da tarde. No final de semana já tínhamos outros compromissos e, por isso, a programação referente ao presente trabalho começou só na segunda, dia 31 de outubro.

31 de outubro, segunda-feira - Mariana - Seminário Rio de Gente

Participamos do *Seminário Rio de Gente: Como recuperar o Rio Doce?*, realizado pelo *Greenpeace* em parceria com o projeto Rio de Gente¹¹ e apoio da UFOP, ministrado na

¹¹ Rio de Gente é um coletivo de arrecadação de fundos para a realização de uma avaliação feita por pesquisadores e especialistas, de maneira independente e isenta, coordenada pelo *Greenpeace*, para propor soluções para a recuperação do Rio Doce.

cidade de Mariana, no Hotel Providência. O seminário começou às 9h, com uma palestra de Carlos Eduardo Ferreira Pinto, promotor de Justiça do Meio Ambiente do Ministério Público de Minas Gerais. Durante o dia, pesquisadores de diferentes áreas de estudo¹² — água, fauna, flora, impactos sociais e direitos humanos — se reuniram para falar sobre a recuperação do Rio Doce e da vida dos que dele dependem.

Promovido um ano após o desastre, o evento propunha apresentar os resultados parciais dos estudos desses pesquisadores, seis meses após realizarem análises de campo financiadas por recursos de doação. O seminário finalizou às 19h. A participação no seminário foi de suma importância para que eu me atualizasse em relação às medidas que estavam sendo tomadas e para que eu visse de perto a atuação das pessoas da região.

01 de novembro, terça-feira - Gesteira - Visita de Campo / Mariana - Seminário Rio de Gente

Neste dia fiz uma visita técnica a Gesteira, subdistrito de Mariana-MG, intitulada *Impactos Sociais: “Avaliação dos riscos em saúde da população afetada pelo desastre de Mariana”*, promovida pela organização do seminário. A saída aconteceu às 8h da manhã com retorno às 13h. Esta visita foi o meu primeiro contato com o cenário de lama. Tirei algumas fotografias e ouvi alguns depoimentos de moradores da região. Na parte da tarde, novamente no Hotel Providência, foi aberto um espaço de Diálogo Livre: "Como impulsionar a recuperação do Rio Doce?", que durou até as 17h.

02 de novembro, quarta-feira - Paracatu de Baixo - Visita de Campo

Sáimos de Ouro Preto às 8 horas da manhã, com a localização de Paracatu de Baixo no *GPS*, já que nunca tínhamos ido ao subdistrito. Confiar no aparelho foi uma aventura pois passamos por uma estrada de terra - que mais tarde descobrimos se tratar de um “atalho” - , no meio do mato, que parecia uma trilha. Passado o susto, atravessamos o distrito de Monsenhor Horta, chegamos à bifurcação que separa a vila de Águas Claras e Paracatu de Baixo, e

¹² As mesas apresentadas foram: Água: “Contaminação por metais pesados na água utilizada por agricultores familiares”; Fauna: “Girinos como bioindicadores da qualidade da água do Rio Doce”; Flora: “Comparação de metodologias de restauração ecológica da vegetação nativa na mitigação dos impactos do despejo de rejeitos de mineração na região de Mariana, MG”; Impactos Sociais - “Depois da lama: os atingidos e os impactos na foz do rio Doce” e “Avaliação dos riscos em saúde da população afetada pelo desastre de Mariana”; e por último a mesa de Direitos Humanos: “Direito das populações afetadas pelo rompimento da barragem de Fundão: Povo Krenak”.

seguimos nosso caminho. Nesse momento, a estrada passou a acompanhar, paralelamente, o Rio Gualaxo do Norte.

A visão da água marrom alaranjada, do solo devastado e das marcas de lama nas árvores, nos deixou emudecidas. Conforme nos aproximávamos do povoado, mais sem palavras ficávamos. Enquanto passávamos de carro pelas casas destruídas, por outras marcadas até em cima pela lama, e amontoados de terra nas laterais da rua, algumas lágrimas de espanto e tristeza escorreram pelo meu rosto. Aquele cenário era inacreditável.

Imaginávamos que não encontraríamos quase ninguém no vilarejo, mas para nossa surpresa vários moradores estavam no local visto que era feriado do Dia de Finados. Logo que chegamos conhecemos a Dona Maria - mais conhecida como Dadá -, e sua irmã, Verinha. De longe ela nos mostrou sua antiga casa: “aquela que aquele pedaço de cima não foi atingido, não levou lama.. tinha acabado de reformar minha casa..”. Ela morava sozinha, pois suas duas únicas filhas já haviam saído de casa. No dia da tragédia ela estava na cidade de Mariana para uma consulta médica. Em seguida, compartilhou: “Pagaram 20 mil. Só que 20 mil foi só meu telhado. Economia de anos pra fazer isso. Mas tá bom.. tá todo mundo aí, graças a Deus. (...) Olha em Bento [Rodrigues].. quanta gente morreu. Bens materiais vem depois”.

Dadá nos levou para conhecer seu antigo terreno e, com os olhos cheios d’água, nos mostrou os cômodos, o quarto que a neta dormia quando ia visitá-la aos finais de semana e, enquanto isso, relatava sobre como sua vida era tranquila, plantando mandioca e cuidando das galinhas. E, lembrando de uma história, nos confidenciou: “Minha cumadre falou comigo ‘na hora que eu vi o avião [helicóptero], todo mundo falou ‘quê que será?’ porque nunca tinha visto aqui isso né.. aí ela falou ‘ah, será que é papai noel?’.. aí eles ‘oh, cês tem 5 minutos pra poder pegar os documentos, porque a lama êvem aí’, aí ela caiu, desmaiou”. Com mais uma lembrança, completou: “Deus me livre hein, esse papai noel. Nossa senhora! Domingo mesmo eu fui lá na casa dela e falei ‘ô cumadre, que papai noel aquele ein’ e ela ‘cumadre nem me fala nesse papai noel mais [risadas]’”, e rimos nós também.

Subi para o cemitério — uma das partes mais altas da vila —, local que serviu de refúgio para muitas pessoas no dia 5 de novembro de 2015. Ali conheci Elias Geraldo de Oliveira¹³, um dos únicos moradores que permaneceu em Paracatu. Com o olhar perdido, ele me contou sobre o fatídico dia. Estava chegando do trabalho, de moto, quando o helicóptero

¹³ Fotografia de Elias encontra-se no apêndice E.

do corpo de bombeiros pousou no campo de futebol, avisando a todos que eles tinham 5 minutos para correr para os pontos mais altos do lugar. Ajudando a tirar as pessoas das casas, Elias conta que acompanhou a lama chegando: “veio 10 metros de lama e uns 3 metros de água na frente.. mas não veio de uma vez não.. veio igual água do mar assim.. [gesto com as mãos]”. Em seguida, revelou: “No mesmo dia continuei aqui.. fiquei na casa da minha irmã. Que a casa da minha irmã não foi embora, porque ela mora lá em cimão né.. Fiquei na casa dela e tô até hoje.”. Depois de me apresentar, e explicar o meu trabalho, Elias se dispôs a nos mostrar seu povoado. Neste momento decidi que não faria fotografias naquele dia. Preferi aproveitar a presença dos moradores para conhecer mais sobre o povoado e criar um vínculo maior com eles.

Enquanto íamos caminhando pelo local, Elias nos contava histórias da época em que Paracatu “era uma alegria só”. Ao passarmos em frente ao Bar do Jairo, ele comentou que todo sábado a comunidade ia para lá dançar forró! Perguntei, então, qual lugar de Paracatu ele mais gostava e, sem pestanejar, respondeu: “O Bar da Dona Laura!”. Segundo ele, era o melhor pastel da região: “pastel caseiro, custava 70 centavos...todo mundo amava! E ainda tinha cerveja barata e pinga a 50 centavos”.

Durante o caminho, quando alguém passava, Elias nos dizia, hora que era um irmão, hora uma prima, e por vezes um cunhado. Vendo minha feição confusa, ele completou: “Aqui tudo é parente da gente!”. Chegando na parte onde morava, ele nos mostrou como o terreno era grande. Moravam ele, o pai e os irmãos, cada um na sua casa. Como seu pai se casou três vezes, ele nos disse não ter certeza de quantos irmãos tem, mas por aproximação disse ser algo em torno de vinte.

Andando pelos escombros, ele nos indicou um congelador, que contou ser um dos cinco que o irmão, na época, tinha acabado de comprar para montar uma sorveteria, e que nem tinha terminado de pagar. Andando mais para os fundos do terreno, ele nos mostrou um fogão industrial que estava tombado pela lama. Entre satisfação e lamento, ele contou que seu pai, o famoso Zezinho de Paracatu, era o responsável pela festa de Folia de Reis¹⁴, e que era ali, naquele fogão, que ele sempre preparou o almoço para todas as pessoas que participavam da festa. Contou: “a gente saía pela região de Águas Claras, Pedras.. a gente tirava esmola, e

¹⁴ Folia de Reis é uma manifestação cultural, religiosa, festiva e praticada pelos adeptos e simpatizantes do catolicismo, no intuito de rememorar a atitude dos Três Reis Magos, que partiram em uma jornada à procura do esconderijo do Menino Jesus Cristo, para prestar-lhe homenagens e dar-lhe presentes. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Folia_de_Reis>. Acesso em: 21 nov. 2016.

aqui fazia um almoço comunitário. (...) E ali que servia o almoço, naquela barraca lá. E aqui era o lugar do pessoal sentá. Isso tudo aqui era cimentado, bonito viu.”. Em seguida, mais à frente, ele nos apontou o lugar onde encontraram a bandeira do Menino Jesus usada na Folia; ela estava intacta, dentro de uma sacola de plástico que ficou pendurada no teto. Pelo caminho vimos instrumentos e fantasias também usados na festa.

Da casa de Elias, passamos em frente à igreja e enquanto nos encaminhávamos para a escola, ele nos contou que, depois da lama, as crianças do vilarejo foram para escolas em Mariana, mas que não se adaptaram e, por isso, estão indo estudar em Águas Claras, povoado vizinho de Paracatu, mais parecido com o povoado. Ao chegarmos na porta, conhecemos Vanessa, professora e antiga moradora de Paracatu, que decidiu entrar conosco, pela primeira vez desde a tragédia. Lá dentro Elias nos mostrou, com certo rancor, que saqueadores destruíram o que tinha restado na escola. Depois de algum tempo no local, Vanessa nos contou: “Nossa eu demorei muito tempo pra vir aqui. Pra visitar assim.. é a primeira vez. Eu vim aqui uma vez pra visitar os terrenos, só passei. E aí teve um outro dia aí que teve uma festa de Nossa Senhora Aparecida, aí eu vim mas fiquei lá pra cima, não visitei pra baixo não”. Neste momento lágrimas escorreram dos seus olhos, e como que para segurar o choro, apontou para um canto no chão e disse: “Aqui tem um banco enterrado! Um banco. Nossa. Triste de ver.”. De repente, a mãe de Vanessa gritou lá de fora, pedindo que ela saísse, alegando que a estrutura estava comprometida.

Em seguida, caminhamos junto com Elias, seu irmão e cunhada para a casa onde ele vive hoje. Subindo a ladeira, ele falou: “Todo mundo subiu aqui sô, o dia do avião [helicóptero], aqui parecia procissão. Todo mundo subindo. Olha quantas casas que sobrou. Cês podem contar aí.. Oh, a comunidade inteira, mais de 350 casas, olha o quê que sobrou aí.. pode contar nos dedos...”. Durante o caminho ele ia mexendo com os moradores que ficaram em Paracatu. Enquanto isso, seu irmão me contava: “Eu acostumei aqui na minha roça, sô. Tranquilidade. Deu 8 horas da noite é tudo silêncio. Cê pode largar qualquer coisa, casa aberta que ninguém mexe. A gente tem as coisinha da gente. (...) Gostava de jogar bola na quadra, onde eu moro não conheço ninguém”. E, por fim, completou: “Não queria sair daqui nunca. Queria criar meus filhos aqui. Aqui tinha lazer, tinha escola, tinha de tudo pra eles.”.

No percurso, conhecemos Dona Vanda, que também nos contou sobre sua experiência no dia 05 de novembro: “Agora, Bento acabou. O pessoal que conviveu no Bento agora só

tem a lembrança. Paracatu! Fui nascida e criada, e agora só tem a lembrança! Cadê as fotos da família, os quadros dos pais, das mães, dos casamentos.. cadê?! Foi tudo! A gente só salvou a roupa do corpo.”. No final, afirmou nunca ter imaginado ver coisa parecida.

Ao nos despedirmos, Elias reforçou que eu poderia voltar quando quisesse, tirar as fotos que quisesse, e que se precisasse de algo era só falar com ele. Partimos por volta das 13 horas.

03 de novembro, quinta-feira - Paracatu de Baixo - Visita de Campo/Ensaio

Dessa vez, já conhecendo o caminho, chegamos em Paracatu por volta das 8:30h da manhã. O povoado estava completamente vazio. Um silêncio ensurdecedor tomava conta do lugar, destoando da movimentação do dia anterior.

Como combinado, encontraríamos com o Elias e os outros moradores depois das quinze horas. Comecei a fotografar fazendo o mesmo percurso que fizemos no dia anterior, justamente para poder capturar lugares e objetos presentes nas histórias já ouvidas. Fotografei o bar do pastel, o posto de saúde, o campo de futebol, a igreja, o Bar do Jairo e a creche. Fizemos uma pausa para um lanche e depois fotografei alguns pontos da escola.

Quando deu o horário combinado, Elias apareceu e subimos para a sua casa. Bom hospitaleiro que é, nos ofereceu café e comemos mandioca recém preparada. Em determinado momento, confessou: “Ah, eu não vou mudar não. (...) Sair do lugar que a gente gosta, né?! Olha pro cê vê! Não consegui nem ir pra Mariana. Fico aqui sozinho. Sinto falta do pessoal. Dos meus irmãos, meu pai. Mas não consigo ficar lá.. o quê que adianta?!”. Em seguida, conversamos um pouco sobre os outros seis habitantes que permaneceram em Paracatu após o desastre.

Agora sabendo seus nomes, decidimos conhecer o Zé Carlos. Depois de passar por um trilha estreita, chegamos à sua casa. Contrariando as expectativas, ele contou que voltou a morar em Paracatu no final de junho deste ano. Antes da tragédia, ele morava em Mariana a trabalho, enquanto um primo dele tomava conta da casa em Paracatu. Trabalhando em churrascarias há quatorze anos e morando de aluguel, acordou um dia, há quatro meses e decidiu que queria voltar a morar no seu pedaço de terra, para “descansar a cabeça”, ele disse.

Depois de muito conversarmos, voltamos para a casa de Elias. Como mais nenhum morador tinha voltado do trabalho e precisávamos ir embora, combinamos o encontro do dia seguinte e nos despedimos.

04 de novembro, sexta-feira - Paracatu de Baixo - Visita de Campo/Ensaio

Neste dia, saímos de casa um pouco mais tarde. Por volta das dez horas da manhã comecei a fotografar a região que antes estavam as casas da família de Elias. Com tanta história contada no dia anterior sobre aquele local, passei bastante tempo procurando detalhes que poderiam ser capturados.

Depois de nos sentarmos para um rápido almoço, encontramos Elias por volta das treze horas. Se mostrando feliz com nosso retorno, nos convidou para conhecer a cachoeira do povoado. Ao chegar lá, debaixo de uma leve chuva que começava a cair, vimos que o marrom alaranjado tinha tingido a água, as pedras e as árvores. Uma correnteza de lama ainda toma conta do lugar. Antes do desastre, contou Elias, os jovens do povoado nadavam na cachoeira quase todos os dias. Hoje, tingidas de lama, essas águas deixaram de ser motivo de alegria do vilarejo: “Aqui era lindo, sô. Água era clarinha.. não tinha problema tomar banho. (...) Hoje cabô.”, completou Elias. Enquanto ele observava a cachoeira aproveitei para fazer algumas fotos dele que, ao perceber, ficou tímido, fazendo cessar meus cliques.

Em seguida, fomos conhecer o Seu Valdir, dono de uma grande extensão de horta no povoado. Natural do Espírito Santo, nos contou que mudou para Paracatu há muitos anos atrás, em busca de uma vida mais saudável, após sua esposa ser diagnosticada com câncer. Juntos eles criaram a horta que, com o falecimento dela, hoje é tocada somente por ele. Andando pela propriedade, ficamos encantadas com a variedade: abóbora, couve, cenoura, pimentão, jiló, agrião, alho-poró, brócoli, espinafre, berinjela, inhame, quiabo, vagem, chuchu, beterraba, etc. Com a autorização do Seu Valdir, comecei a fotografar aquela extensão de várias tonalidades de verde, e o primeiro pensamento que me veio à mente foi o contraste com o marrom alaranjado da lama.

Apesar dos elogios que fizemos, Seu Valdir revelou, com tristeza, que ainda não conseguiu fazer a horta voltar ao que era. Contou que durante muito tempo recebeu diversos alunos de uma escola da região para fazerem estágio com ele. Com a chegada da lama, a casa em que ficavam hospedados foi destruída e isso acabou. Antes, quase vinte pessoas trabalhavam lá, dentre funcionários e estagiários. Hoje são apenas quatro, contando com ele.

Durante toda a conversa, Seu Valdir se mostrou muito preocupado com o futuro. Enquanto narrava algumas das suas idas à escola de Paracatu, onde conversava com os alunos sobre a importância de respeitarmos o meio ambiente, Pollack, como é conhecido na região, pareceu voltar no tempo. Foi concluindo dizendo que só vamos conseguir mudar a maneira como o meio ambiente vem sendo tratado, educando as crianças desde pequenas. Ao nos despedirmos, ele completou: "...isso [o desastre] tem que ficar registrado, tem que ficar na história, porque é uma coisa que eu nunca imaginei, que um trem desse pudesse acontecer...".

Pegamos o carro e continuamos nosso passeio pela região, sempre seguindo a margem do Rio Gualaxo do Norte. Durante o caminho, enquanto Elias nos contava mais histórias, víamos as marcas da lama para todos os lados. Em uma bifurcação, Elias sugeriu que parássemos para conhecer a Cachoeira do Ó, muito frequentada pelos antigos moradores, segundo ele. Após conhecer um local que não havia sido atingido pelos rejeitos da lama, pude refletir mais sobre tudo que os moradores perderam.

Na volta, passando por Águas Claras, vizinha de Paracatu, Elias comparou os dois locais. Disse que seu vilarejo, há um ano atrás, era bem parecido com aquele: "Paracatu era mais ou menos assim ó (...) lá dentro era asfaltado. Tudo assim que cê tá vendo aí ó". Essa oportunidade me permitiu ter uma ideia mais clara do que era Paracatu de Baixo antes da lama. Em seguida, por insistência do Elias, passamos na fazenda onde ele trabalha para conhecermos o espaço.

Ao voltarmos para o povoado, esperávamos encontrar os outros moradores que, até então, não tínhamos conversado. Como ninguém ainda tinha voltado do trabalho, sentamos na porta da casa de Elias e ficamos jogando conversa fora. Nesse meio tempo, um de seus irmãos apareceu e, depois, um conhecido deles. Conversamos sobre a tragédia, sobre o local onde construirão a nova Paracatu, sobre seus respectivos trabalhos, sobre a vida em Mariana e sobre coisas triviais. Ao entardecer nos despedimos, combinando a volta no dia seguinte.

05 de novembro, sábado - Paracatu de Baixo - Visita de Campo/Ensaio

A tragédia completava um ano nesse dia e, mesmo sabendo que inúmeros eventos relacionados aconteceriam em Mariana e em Bento Rodrigues, decidi participar apenas da reunião que se daria em Paracatu, devido à ligação que estabeleci com o lugar.

Chegamos por volta das 9h. Como ainda faltava parte da escola para fotografar, voltei ao local, e como já o conhecia bem, além das várias histórias, o processo fotográfico se fez bem direcionado. Depois, cliquei em alguns pontos por perto, comemos algo e encontramos com Elias. Convidando Corgésio, um antigo morador do povoado que estava por ali, fomos conhecer uma parte que ainda não tínhamos ido, bem à margem do rio. Lá, Corgésio nos mostrou o que restou de sua casa e, com sua autorização, tirei algumas fotografias. Subimos o terreno, que era bem alto, e fiz algumas fotos ao nos deparamos com um rio cor de lama, com seu entorno todo devastado.

Na volta, passamos pelo terreno da família de Elias que, enquanto nos contava mais histórias, andava pelos escombros como se estivesse à procura de algo. De repente, arrancando de algum lugar, nos mostrou um pedaço de madeira, que falou ser de sucupira¹⁵. Para explicar, ele fez uma comparação entre as camas das casas provisórias em Mariana e as camas que os antigos moradores do povoado tinham, e completou dizendo que a do seu pai, que era de jacarandá¹⁶, quase não se encontra mais. Um pouco mais à frente, avistando o local onde ficava a casa de uma prima, contou que ela, vez ou outra, gritava para ele: "ô! vem cá almoçar que tem muita comida, precisa fazer não", e sorriu com a lembrança.

Andando pelo campo de futebol, local em que a maior parte da comunidade passava os sábados, vimos que as traves, antes com mais de 2 metros de altura, ainda estão cobertas por 1,5 metro de terra. Na lateral do campo, uma árvore bem alta estampava a altura que a lama chegou. Nostálgico, Elias nos contou que foi seu pai que plantou aquela árvore ali: "pra dá sombra (...) o pessoal ficava aqui pra assistir o jogo". Enquanto caminhávamos, Elias tocava algumas vacas do irmão em direção à casa e, assim, aproveitei para fazer algumas imagens do momento.

Chegando em sua casa, conhecemos o Jairo da Paz, dono de um dos bares destruídos, a Soraia Miranda, o Thales, filha dela, e a Belinha, filha do casal. Sentados na sala de visitas, Soraia nos contou várias histórias, desde a reforma do bar que havia sido feita em julho de 2014, passando pela festa surpresa de aniversário que ela preparou para o marido em 2015, até o fatídico dia do desastre, e completou, dizendo: "no início cê fica revoltada, cê fica de mal mesmo com a vida...mas depois cê começa a pensar, que ainda a gente tem a família da gente

¹⁵ Espécie de árvore brasileira que se origina nos cerrados, muito utilizada na confecção de móveis.

¹⁶ Espécie de árvore proveniente da mata atlântica, muito utilizada na confecção de móveis.

né.. Essa menina aqui [mostrando a filha] tava com 4 meses. Ela que eu acho que deu força pra gente”.

Enquanto aguardávamos a chegada dos antigos moradores, acompanhamos Soraia e o filho até o local onde ficava o bar e sua casa. Entrando na estrutura, que hoje só conta com paredes quebradas, Soraia, visivelmente abalada, disse: “ai gente, eu lembro cada detalhe daqui.. (...) Eu não entrei aqui não. Tô entrando aqui hoje com cês”. Em seguida, enquanto apontava para os lugares correspondentes, ela foi enumerando suas lembranças: o banheiro feminino, a geladeira, o fogão, as cortinas, os armários de comida, os vasos de planta, a horta, o depósito, a cama do casal.

Como que também voltando no tempo, Thales contou que sempre que ia para o povoado (ele mora em Mariana desde que nasceu), passava todo o tempo andando de bicicleta, jogando futebol, ou subindo no telhado da escola com outros garotos para conseguir sinal de internet. Completou, dizendo: “meu sonho era morar aqui e estudar na frente de casa. (...) Eu tava com planos de vender churrasquinho, açaí.. Todo mundo falava que se tivesse açaí aqui, todo mundo ia comprar”. Ainda tomados pelas memórias, Soraia contou que adorava fazer fantasias para todos da família, fosse para o carnaval, copa do mundo, aniversários e, com empolgação, nos mostrou inúmeras fotos desses momentos. Rindo dela mesma, confessou: “Quando aconteceu a barragem, esse aí [Jairo] até me xingou, sabe o quê que eu fiz? Falei: ‘Minhas fantasias!!!!’ E danei a chorar! [risadas] Aí ele ficava assim ‘Pelo amor de Deus, Soraia, tem coisa muito mais importante que a gente perdeu lá do que fantasia, para com isso! Mas é porque eu tava vivendo tudo que eu queria viver..”.

Por volta das 14:30h chegou um ônibus ocupado pelos antigos moradores de Paracatu, e parou no único ponto da cidade. De lá até a Capela de Santo Antônio, os moradores foram em procissão, segurando cartazes feitos à mão, com frases como: “Morar em Paracatu era bom demais”, “Paracatu, choro por você todos os dias”, “Paracatu, nós amamos você, como você ama a gente. Todos nós vamos lutar para te ter de volta”, entre outras. Enquanto caminhavam, cantavam: “O povo de Deus (...)/Também sou teu povo Senhor/ E estou nessa estrada/ Cada dia mais perto da terra esperada”¹⁷. Me senti mais à vontade para fotografar esse momento íntimo da comunidade quando percebi a presença de outros fotógrafos.

¹⁷ Música “O povo de Deus”, do compositor Paulo César. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/padre-zezinho/o-povo-de-deus.html>>. Acesso em: 21 nov. 2016.

Ao se aproximarem da igreja, fizeram uma roda bem grande, e uma senhora deu início: “A gente tá reunido aqui hoje porque essa data não pode ser esquecida.. Hoje faz um ano que aqui passou a lama da Samarco destruindo toda nossa Paracatu. Mas nós nunca vamos esquecer da nossa comunidade, da nossa Paracatu. Aqui é o nosso chão. (...)”. E, após mais alguns minutos de fala, todos começaram a rezar o terço.

Ao parar de fotografar, em respeito à prática, é que fui me atentar que a maioria deles vestiam uma camiseta preta com os seguintes dizeres: “Tomamos banho, mas a lama não sai”, enquanto nas costas dizia: “Desrespeito, preconceito, discriminação, descaso, intolerância, desumanidade - 05/11/2015 Rompimento da barragem de Fundão - 05/11/2016 Um ano depois nossa luta continua - Comunidade de Paracatu de Baixo”. Quando terminaram a oração, uma das senhoras que guiava o encontro perguntou se alguém queria falar uma palavra que identificasse o que cada um estava sentindo naquele momento, e algumas foram: amor, revolta, futuro, e paz. Abriu-se, então, a palavra para que os moradores se expressassem livremente. Entre discursos de revolta, indiferença, lamentação e preconceito, também permeou palavras que buscavam o respeito, a força, a união e a esperança.

Quando finalizaram o encontro, decidimos também ir embora. Nos despedimos de Soraia, de sua família e, por fim, de Elias, confirmando nosso retorno no dia seguinte.

06 de novembro, domingo - Ouro Preto - Pausa

Um dia de pausa não estava no planejamento do ensaio, no entanto, este se fez necessário por motivos de saúde. A interrupção acabou se revelando produtiva, pois permitiu que eu fizesse uma avaliação das fotografias já tiradas, identificando o que faltava. Com isso, fomos para o último dia de ensaio com um roteiro previamente definido do que ainda seria preciso fotografar.

07 de novembro, segunda-feira - Paracatu de Baixo - Visita de Campo/Ensaio

No último dia de ensaio, chegamos por volta das 9:30h. Paramos na entrada do vilarejo, onde eu ainda não tinha fotografado. Após algum tempo descobrindo novos objetos, Elias chegou, e antes mesmo que eu pudesse cumprimentá-lo, disse: “Senti sua falta ontem!”. Disse que havia ficado esperando a gente até as 13h, quando foi para o vilarejo de Pedras assistir uma missa. Expliquei a situação, dizendo que eu teria ligado se tivesse como, e ele

entendeu. Sem lembrar que já tinha nos contado, relatou que, se fosse antes da lama, teríamos conseguido nos falar pelo celular, mas que pouco depois do desastre saqueadores roubaram a antena e, desde então eles não tem sinal no vilarejo.

Sempre muito solícito, Elias se dispôs a nos acompanhar por um tempo. Por cada lugar que gente passava, ele contava novas histórias. Aquelas narrações foram o que guiaram meu olhar na captura das fotografias. durante todos os dias de visita. Eu estava sempre em busca de algo que remetesse à alguma das histórias ouvidas. Além disso, algumas vezes, Elias me chamava e dizia: “oh, isso aqui é bonito pro cê tirar retrato né..”. Feliz com a sua participação, eu apenas concordava e fazia a foto.

Em algum momento da manhã, após eu perguntar o que eram alguns pontos de queimada que de vez enquanto víamos no meio dos destroços, ele me revelou que foram os próprios moradores que queimaram roupas e objetos pessoais que estavam cobertos de lama e que não davam para recuperar, mas que eles também não queriam que ninguém pegasse. Achei aquilo muito triste e decidi por não fotografar esses focos de queimada.

Desde o primeiro dia, Elias sempre nos ensinava os nomes de plantas e árvores, além de explicar seus diversos usos. Neste dia, após vários desses episódios, ele disse: “tá vendo como a gente da roça sabe das coisas?!” e riu. Esta foi uma das poucas vezes que o vi sorrindo de verdade.

Por volta da hora do almoço, a bateria que estava na câmera descarregou. Apesar de achar estranho — porque isso não ocorreu em nenhum dos outros dias —, troquei a bateria e continuei fotografando. Pouco depois, a segunda bateria deu sinais de que também não duraria muito. Preocupada com a possibilidade de não conseguir fotografar tudo que precisava, pedi ao Elias para carregar a primeira bateria na sua casa, o que ele prontamente atendeu. Naquele momento, já sabendo que aquele seria nosso último dia no povoado, e pouco conformado com isso, disse: “cê quer deixar uma carregando aqui pra amanhã?”. Eu ri, tentando descontraír, e reforcei que infelizmente eu precisava voltar para o Rio de Janeiro. Ele completou dizendo que sentia muita falta de ter companhia, e que não queria que a gente fosse embora.

De volta às fotografias, retornei à escola, ao campo de futebol e à igreja. Pouco depois Elias reapareceu, e fomos andar pelo terreno da sua família novamente. Em determinado momento me ocorreu que, dos sete moradores que permanecem em Paracatu até hoje, só o Elias perdeu sua casa própria. Os outros, como moravam em pontos mais altos, continuam em

seus lares. Elias, atualmente, vive na casa de uma irmã, que foi para Mariana. De volta à sua casa, para trocar as baterias, perguntei a Elias sobre o fornecimento de água. Ele me levou ao quintal e mostrou uma caixa d'água grande, além de outra que disse ter ali perto, e contou que a água vem de uma mina que tem perto do povoado. Contudo, a água que utiliza para beber, ele pega na fazenda onde trabalha, enchendo garrafinhas plásticas e levando pra casa.

Em seguida, decidi voltar na cachoeira do povoado para fazer novas fotos, visto que no dia que fomos lá estava chovendo. Dessa vez, sem precisar correr, passei pela cerca que separava o terreno do rio, e cheguei bem próxima à margem. A cor marrom alaranjada é tão forte que foi difícil imaginar que um dia aquelas águas já foram límpidas. Enquanto fotografava, inúmeros pensamentos me vieram à mente, mas o sentimento mais recorrente era o de tristeza.

Chegando o final da tarde, resolvi ir ao cemitério para tirar fotos de lá - já que ele fica em cima de um morro de onde se pode ver praticamente todo o povoado. Enquanto conversávamos e eu fotografava, Elias reforçou: “termina [de fotografar] hoje não, sô”. E cada vez que ele falava isso, eu sentia um nó na garganta. No entanto, após mais algumas fotos, me dei por satisfeita e voltamos para a sua casa.

Apesar do desafio que tive com as baterias, esse foi o dia mais produtivo. Acredito que por já estar com muitas histórias em mente, e por conhecer melhor o local, pude pensar com mais agilidade na concepção de cada foto.

Bastante cansados, sentamos na porta da casa de Elias e conversamos um pouco. Apesar de saber que precisava ir embora, uma parte de mim não queria partir. Para celebrarmos aquele encontro, pedi ao Elias para brindarmos com uma tal cachaça de 12 anos que ele tinha, e que tanto falava desde o início. Alegre com meu pedido, ele buscou a garrafa, pegou dois copos americanos e, por fim, bebemos duas doses cada um. Como já estava escurecendo, anunciei nossa partida, mas não sem antes fazer uma foto de nós três — eu, minha mãe e Elias — na porta de sua casa, local que usufruímos para descanso e bate papo nos últimos dias.

Ao nos prepararmos para ir, dei ao Elias uma lembrança, como forma de agradecimento por toda a simpatia, atenção e disponibilidade que ele teve conosco, alegando que era para ele não nos esquecer. Se mostrando agradecido, reforçou que sentiria nossa falta e nos abraçou timidamente.

Às 19:30h partimos - o horário mais tarde de todos os dias de visita. No caminho de volta, enquanto observava o céu estrelado (que não havíamos visto nenhum dia, pois sempre voltávamos antes de escurecer), lágrimas voltaram a escorrer mas, dessa vez, não eram de tristeza e espanto. Eram já de saudade de um povo que me ensinou que casa é onde o coração está.

08 de novembro, terça-feira - Ouro Preto/Rio de Janeiro - Retorno

Com todas as nossas coisas organizadas, saímos de Ouro Preto depois do almoço. Após alguns desvios seguimos para o Rio de Janeiro, onde chegamos por volta das 22:30h.

4. PÓS-PRODUÇÃO

Este capítulo compreende o relato da etapa final deste projeto, que abrange o processo de seleção das imagens, o tratamento, a ampliação das mesmas e as possíveis formas de exibição da obra.

4.1. Seleção e tratamento das imagens

Logo após o último dia de ensaio, fiz uma limpeza no conjunto de imagens obtidas, de modo a eliminar as fotografias com questões técnicas, como, por exemplo, falta de foco, tremura, sujeira na lente, etc. Passado alguns dias, realizei uma primeira seleção, levando em consideração a composição geral das imagens, onde se chegou a um total de 996 fotos.

Na semana seguinte, em uma segunda triagem, identifiquei nas minhas fotografias blocos temáticos, os quais defini como: Infância, Lar, Lazer, Cultura, Natureza, Rupturas e Resistência. Ao selecionar as fotos seguindo essa lógica, cheguei a quase 500, das quais a maioria fazia parte dos blocos Infância e Lar. Inúmeras possibilidades se abriram diante desses vários temas, então, dias depois, para facilitar o progresso do trabalho, defini pegar em torno de 20% das melhores de cada pasta, chegando a 118 fotos.

Neste momento, criei algumas opções de séries com os arquivos disponíveis, visando descobrir o melhor conjunto de imagens. Busquei estabelecer um fio narrativo entre as fotografias, de modo que elas comunicassem, não somente o universo fotografado, mas também possibilitassem a criação de histórias por parte do observador. Para ajudar nessa aproximação, entre observador e objeto fotografado, foram priorizadas as fotografias em plano fechado e plano médio.

Em busca da composição final do ensaio, o processo de seleção, a partir dessa etapa, se deu analisando as fotografias uma a uma e refletindo se nela seria possível enxergar a presença do humano — questão fundamental para esse trabalho. As escolhas finais se deram, portanto, pelo poder que cada uma tem de mostrar a figura humana através do objeto ou espaço retratado. Selecionadas as 18 imagens que compõem esta obra, ficou claro que elas são mais fortes quando vistas como um todo. Neste sentido, fotografias e texto se complementam.

Os dois se sustentam um sem o outro, no entanto, analisados em conjunto, possibilitam uma maior compreensão do ensaio.

Não é meu objetivo sublimar a tragédia e, para tanto, o tratamento dado às fotografias foi o mais simples possível. A primeira preocupação foi quanto ao corte das margens, de modo a melhorar seus enquadramentos. Para dar homogeneidade ao ensaio, foi determinado a utilização somente do sentido horizontal da imagem.

Utilizando o programa *Lightroom*, da *Adobe*, optei por não alterar demasiadamente as imagens por dois motivos principais: primeiro porque como eu tenho pouco conhecimento em programas de edição de imagem, não seria possível fazer um tratamento muito avançado. E, segundo, porque minha proposta estética para o ensaio era preservar o tom natural da lama e, para tanto, as tonalidades de cor das fotografias deveriam ficar as mais próximas possíveis do real. Dessa maneira, trabalhei com as curvas de tons, aprimorando os pontos de sombras, claros e escuros; utilizei a ferramenta de cor, fazendo ajustes pontuais na saturação e na luminância; e, algumas vezes fiz ajustes na saturação e na exposição total da imagem.

É importante dizer que, o tratamento dado às imagens finais que compõem esta obra, assim como sua seleção, foram profundamente influenciados pelas histórias que ouvi durante os cinco dias que visitei o vilarejo de Paracatu de Baixo.

As fotografias selecionadas para compor este ensaio encontram-se no apêndice F.

4.2. Ampliação

As cores das fotos deste ensaio têm grande importância para a obra, por esse motivo, escolhi fazer a impressão em papel fotográfico brilhante — o qual deixa as cores mais vivas, destacando detalhes. As fotos foram anexadas em papel cartão preto, no tamanho 25x35, formando bordas que, além de servir de adorno realçando as cores e criando um contraste maior, também servem como o local de suporte para a colocação da legenda de cada foto, escritas à mão em papel kraft.

As fotografias apresentadas foram ampliadas em tamanho 20x30, dispostas individualmente, em sequência pré-estabelecida, dentro de um cesto de taquara¹⁸ — produzida à mão, peça típica da região mineira em questão neste trabalho. Antigamente, sobretudo em

¹⁸ Espécie de gramínea nativa da América do Sul.

regiões rurais, não se usava o álbum de fotografias, mas a caixa de fotografias. O manuseio das fotos era feito à mão, uma a uma, de maneira que quem as via podia pegar, tocar, se aproximar, separar, mudar a ordem, etc.

Nesse sentido, tal modo de apresentação foi escolhida pois viabiliza uma visão mais detalhada e impactante das imagens, uma vez que permite ao observador uma aproximação maior com o objeto retratado, aumentando sua possibilidade de análise e compreensão. Além disso, apesar de ser sugerida uma sequência narrativa com a disposição inicial das fotos, ela não é determinante, visto que, a liberdade no manuseio facilita ao observador criar a narrativa que desejar, consentindo ao ensaio um caráter mais pessoal.

4.3. Exibição

Para exibição, as fotografias devem ser ampliadas em grande formato, com a dimensão de, pelo menos, 60x90, e dispostas todas em uma mesma sala. Os altos custos desta forma de exposição impossibilita sua concretização nesse momento, portanto, a descrição feita acima configura uma situação fictícia, apenas idealizada.

Contudo, visto que a mostra de um ensaio fotográfico realizado um ano após a tragédia poderia trazer à tona relevantes discussões sobre o acontecimento — que não só ocorreu no dia 05 de novembro de 2015, mas que ainda está em curso —, pretendo entrar em contato com pessoas que possam vir a se interessar no presente trabalho, de forma que torne possível sua exibição futura.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há um ano, em 05 de novembro de 2015, milhões de metros cúbicos que estavam na barragem de Fundão devastaram o distrito de Paracatu de Baixo, atingiram dezenas de outras localidades entre Minas Gerais e o Espírito Santo, destruíram o Rio Doce e chegaram ao mar. Por mais que se tenha visto noticiado na televisão ou na internet e se tenha noção da gravidade da tragédia, nada nos prepara para o impacto ao ver a destruição de perto.

Conhecer as localidades atingidas pela lama, não me desgastou apenas fisicamente, devido ao calor, à sujeira e a falta de estrutura, mas também emocionalmente, visto que o cenário de destruição e a tristeza dos atingidos estava por toda parte. Apesar disso, a proximidade estabelecida com os moradores e com o vilarejo, além da conclusão de um ensaio fotográfico que pode dar visibilidade ao local, fizeram todas as dificuldades valerem a pena. Posso afirmar que a minha maior preocupação durante todo o desenvolvimento deste projeto foi conseguir, através das fotografias, provocar no observador a sensibilidade proposta. Assim, o referencial teórico utilizado e os conhecimentos técnicos buscaram apoiar as fotografias a alcançarem uma unidade conceitual.

A lama que soterrou vidas e coloriu as paisagens e os rios de alaranjado, continua praticamente intacta em Paracatu. Imaginar o vilarejo anterior à lama parece inconcebível em um primeiro momento, mas as inúmeras histórias que ouvi de Elias e de outros moradores ao longo dos dias de visita de campo, tornaram essa tarefa, não só possível, como fundamental para o processo de captura das fotografias. Inclusive, a riqueza dessas histórias, me leva a acreditar que, um novo trabalho que focalize os sete moradores que permaneceram vivendo em Paracatu, possa vir a ser uma fonte em potencial para levantar novas discussões sobre o tema. A ânsia por contribuir com discussões que façam com que novas tragédias como essa não ocorram motivou o progresso deste ensaio.

O desenvolvimento de um produto fotográfico — em um cenário totalmente diverso do que estou acostumada — como trabalho de conclusão de curso me permitiu unir as teorias aprendidas em sala de aula e as práticas dos trabalhos acadêmicos à uma experiência desafiante que me levou a inúmeras reflexões sobre o ato de fotografar. Aprendi, na prática, que há escolhas que devem obrigatoriamente ser feitas pelo fotógrafo: desde a definição do tema, passando pela estética fotográfica, pelas fotografias que vão compor o trabalho, até a montagem para apresentá-las e a definição da mensagem a ser transmitida no ensaio final.

Para tanto, entende-se que ele precisa ter unidade, seja pela narrativa temática, pela coerência de composição e acabamento e/ou pelo conceito geral criado pela obra.

É através do ensaio que o fotógrafo pode transmitir sua impressão pessoal sobre determinado tema. Como estrutura o professor Maurício Lissovsky sobre a argumentação do artista e escritor Charles Caffin: “O ‘objetivo dos melhores fotógrafos, como de todo verdadeiro artista’, argumentava Caffin, não é apenas fazer uma imagem, mas registrar e transmitir a outros, ‘a impressão que experimenta na presença de seu tema’.” (LISSOVSKY, 2012, 233). Não basta, portanto, que o fotógrafo capture imagens instantâneas. É imprescindível que ele experimente o momento fotográfico ao ponto de traduzir nas fotografias suas impressões subjetivas.

Neste sentido, minhas impressões foram profundamente influenciadas pelo contato com os moradores e antigos moradores do povoado de Paracatu de Baixo. A relação que estabeleci com eles e com o local, durante os 5 dias de visita, focalizou minha câmera no humano que estava se perdendo, e não apenas nos destroços da tragédia. As fotografias, por consequência, se fizeram permeadas pelas histórias de um vilarejo anterior à lama, cumprindo a função de trazer em seus detalhes a figura humana que não se faz presente materialmente. Todo o processo foi muito importante para a minha evolução profissional e pessoal. Por ser a minha primeira atuação em um ensaio aberto de pesquisa de campo, foi preciso muita confiança e determinação.

As marcas da altura atingida pela lama em Paracatu de Baixo ainda são evidentes nas árvores, casas, escola e igreja. Para todas suas famílias, o rompimento da barragem representou uma mudança drástica de vida. Nos poucos minutos que tiveram para fugir, tudo que conseguiram levar foram seus documentos. Hoje, elas ainda esperam pelo início da construção da nova Paracatu de Baixo e não sabem quando voltarão a viver em comunidade. Na hora do “tsunami” de lama, a união — de um ir avisando o outro e assim por diante — salvou todas as vidas humanas do vilarejo. Um ano depois, apesar das desavenças e inseguranças provocadas pelo desastre, fica a certeza de que só essa união pode trazer de volta a paz que outrora tinham.

6. REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. Pequena história da fotografia. In: —. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994. p.91-107.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

DIEGUEZ, Consuelo. A Onda: Uma reconstituição da tragédia de Mariana, o maior desastre ambiental do país. **Revista Piauí**, n.118, p.18-28, jul. 2016.

ENTLER, Ronaldo. Um pensamento de lacunas, sobreposições e silêncios. In: SAMAIN, Etienne (Org.). **Como pensam as imagens**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012. p. 133-150.

FREITAS, Thatiana Zacarias *et al.* Quem resiste à lama?. Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação 2016. **Anais XXXIX Congresso Intercom**, São Paulo-SP, 05 a 09 de setembro de 2016. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/expocom/EX53-0958-1.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2016.

LISSOVSKY, Mauricio. Rastros na paisagem: a fotografia e a proveniência dos lugares. In: EDLMAYER, Sabrina e GINZBURG, Jaime (Org.). **Walter Benjamin: rastro, aura e história**. Belo Horizonte, MG: Ed. UFMG, 2012. p.229-258.

MASCARO, Cristiano; MASCARO, PEDRO. A terra devastada. **Revista Piauí**, n.118, p. 31-247, jul. 2016.

OLIVEIRA, Alexandre Augusto de. **O olhar do fotógrafo Luiz Fontana: Documentação de Ouro Preto (1930-1960) - Fotografia e arte pública: Um estudo de caso**. Dissertação (Mestrado em Artes) - Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2006.

PANISSI, Stess. **Memória de barro: um olhar fotográfico sobre Paracatu de Baixo na tragédia de Mariana**. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Comunicação Social) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2016.

SAMAIN, Etienne. As imagens não são bolas de sinuca. Como pensam as imagens. In: —. (Org.). **Como pensam as imagens**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012. p.21-36.

SAMAIN, Etienne (Org.). **Como pensam as imagens**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

SAMARCO. **Balanco de ações**: Um ano do rompimento de Fundão, Samarco, 2016. Disponível em: <<http://www.samarco.com/balanco/>>. Acesso em: 18 nov. 2016.

SEDLMAYER, Sabrina e GINZBURG, Jaime (Org.). **Walter Benjamin**: rastro, aura e história. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2012.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. Disponível em: <<http://lelivros.top/book/baixar-livro-diante-da-dor-dos-outros-susan-sontag-em-pdf-epub-e-mobi-ou-ler-online/>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

SONTAG, Susan. **Sobre a fotografia**. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo. Companhia das Letras. 2004. Disponível em: <<http://lelivros.top/book/baixar-livro-sobre-fotografia-susan-sontag-em-pdf-mobi-e-epub/>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

ARTBLOG. Robert Polidori at the Musee d'Art Contemporain de Montreal. Disponível em: <<http://www.theartblog.org/2009/09/robert-polidori-at-the-musee-d-art-contemporain-de-montreal/>>. Acesso em: 28 out. 2016.

CURINGA, Ouro Preto: Revista Laboratório Universidade Federal de Ouro Preto, edição 16, ano VI, 88 p., 2016.

ESTADÃO. A tragédia de Mariana. Disponível em: <<http://opinio.estado.com.br/noticias/geral,a-tragedia-de-mariana,10000001681>>. Acesso em: 17 nov. 2016.

ESTADO DE MINAS. “Não foi acidente”, diz promotor sobre desastre ambiental em Mariana. Disponível em: <http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2015/11/09/interna_gerais,706046/nao-foi-acidente-diz-promotor-sobre-desastre-ambiental-em-mariana.shtml>. Acesso em 17 nov. 2016.

MET MUSEUM. Disponível em: <<http://www.metmuseum.org/art/collection/search/287977>>. Acesso em 28 out. 2016.

7. APÊNDICES

APÊNDICE A - Lista de Equipamentos

Câmera Digital Canon T3i

Lente Canon 18-135mm f/3.5-5.6

Lente Zoom Canon 75-300mm f/4-5.6

Cartão de memória 32GB

Tripé

APÊNDICE B - Orçamento

DESCRIÇÃO	VALOR
Transporte	R\$1874,01
Alimentação	R\$650,00
Relatórios Impressos	R\$53,34
Ampliação das fotografias para exibição	R\$163,40
Cesto para exibição das fotografias	R\$40,00
Papelaria	R\$21,10
TOTAL	R\$2801,85

APÊNDICE C - Cronograma

	Tarefas	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
PRÉ- PRODUÇÃO	Conversas com Orientador	X	X		
	Pesquisa Bibliográfica	X	X	X	
	Definição do Projeto		até 30/10		
PRODUÇÃO	Ensaio Fotográfico e coleta de informações			02/11 a 07/11	
PÓS- PRODUÇÃO	Seleção das fotografias			14/11 a 18/11	
	Elaboração do Relatório			14/11 a 28/11	
	Tratamento das fotos			19/11 a 26/11	
	Montagem do produto final			27/11	até 01/12
	Revisão com Orientador			24/11	até 02/12
FINALIZAÇÃO	Conclusão do TCC				02/12
	Entrega do TCC				07/12
	Defesa do TCC				14/12

APÊNDICE D - Ficha Técnica

Título do Ensaio

Além da lama: um ensaio fotográfico sobre Paracatu de Baixo

Fotografia

Fernanda Assis

Tratamento

Fernanda Assis

Produção

Fernanda Assis

Glauciléa Assis (Gláucia)

Nara Cunha

APÊNDICE E - Fotografias ilustrativas



Figura 10 - Elias, na cachoeira do povoado que, antes da lama, era local de lazer para os moradores.



Figura 11 - Gláucia, na Cachoeira do Ó. O local não foi atingido pela lama.



Figura 12 - Eu, Gláucia e Elias na porta de sua casa.

APÊNDICE F - Ensaio fotográfico



UM DEDO DE PROSA



ACORDANDO COM AS GALINHAS



HORA DE ANGELUS



HISTÓRIAS PARA DORMIR



FIM DE ANO



FOLIA DE REIS



ALMOÇO DO ZEZINHO



CERVEJINHA DE SEXTA



MEU MOMENTO



MÃOS À OBRA

A B C D G H L M N Q R V U W X Y Z
 a b c d g h i l m n o p q r s t u v w x y z

CALENDÁRIO 2015

JANEIRO 2015	FEVEREIRO 2015	MARÇO 2015
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31
ABRIL 2015	MAIO 2015	JUNHO 2015
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30
JULHO 2015	AGOSTO 2015	SETEMBRO 2015
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30
OUTUBRO 2015	NOVEMBRO 2015	DEZEMBRO 2015
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31

QUANTO MAIS

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 40 50 60
 ZERO UM DOIS TRES QUATRO CINCO SEIS SEVE OITO NOVE DEZ ONZE DOZE TIZEZES QUATROZES CINQUEZES SEIS SESSETE DEZOTTO DEZEN
 VARENTE CINQUENTA SESHENTA





CÉU DE PÁSSAROS



Cantinho de leitura

Histórias que vivi

Lugares por onde andei



BRINCADEIRAS



MINHA PEQUENA HÍPICA



MEU PRIMEIRO GIBI



CASA CHEIA



COMUNIDADE